



# A NOVA CLASSE C, 10 ANOS DEPOIS

**7/2/2010**

Reportagem de ZH mostrou a euforia de pessoas como Marilene, que havia conquistado o diploma universitário e sua primeira casa própria

**DÉBORA ELY**

debora.ely@zerohora.com.br

**O** porteiro Jairo Delgado, 46 anos, ainda recorda o dia em que saiu aos pulos pela porta da agência da Caixa na Rua José do Patrocínio, em Porto Alegre. Era uma segunda-feira, 4 de janeiro de 2010, e ele recém tivera o financiamento habitacional aprovado pelo banco para a compra de um apartamento de 47 metros quadrados no bairro São João. Impulsionado pelo subsídio do programa Minha Casa Minha Vida, abandonaria o aluguel.

Jairo nem havia ido

ESTIMULADOS POR PROGRAMAS SOCIAIS, CRÉDITO FARTO E REDUÇÃO NO JURO, QUASE 50 MILHÕES DE BRASILEIROS ASCENDERAM ECONOMICAMENTE ENTRE 2003 E 2014. PELA PRIMEIRA VEZ, GANHARAM ACESSO A BENS E SERVIÇOS COMO IMÓVEIS, CARROS E PASSAGENS AÉREAS. UMA DÉCADA DEPOIS, ZH REENCONTRA PERSONAGENS PARA SABER COMO A CRISE NO PAÍS AFETOU SUAS VIDAS

pessoalmente ao imóvel.

Tinha folgas apenas aos sábados, sendo impossível conciliar sua agenda à do corretor. Registradas pela filha Suellen, 28, as imagens dos cômodos bastaram para lhe convencer a ir adiante no negócio. Pagou uma entrada de R\$ 32,5 mil, financiou a outra metade e, uma semana depois, mudou-se para a sonhada casa própria.

Embalado pelo bom momento da economia naquele ano, Jairo era um retrato da camada intermediária da pirâmide social que, em escalada no país, recebia a alcunha de nova classe C. Estimulados pelo pacote





2020



2010

### JAIRO DELGADO, O PORTEIRO

No verão de 2010, sob o impulso do Minha Casa Minha Vida, ele conseguiu o financiamento para a compra de um apartamento. Estava empolgado: "Tudo eu comprava à vista. Tinha um súper aqui perto, era rancho com dois carrinhos até a boca. Fazia churrasco todo o sábado". Hoje, a realidade é outra: "A última vez que eu comi carne? Nem me lembro. Cerveja só de vez em quando, refrigerante quando dá"

que reunia crédito abundante, juros reduzidos e programas sociais fartos, mais de 49 milhões de brasileiros ascenderam economicamente entre 2003 e 2014, acessando pela primeira vez bens e serviços como imóveis, carros e passagens aéreas.

Publicada em 2010, reportagem de Zero Hora contou a história de pessoas que, assim como Jairo, haviam transformado antigas aspirações em realidade, impulsionadas pelo fenômeno. Dez anos depois, diante de um cenário financeiro adverso, ZH reencontrou esses personagens para entender como a crise econômica que empobreceu o país impactou suas vidas.

De lá para cá, a maioria deles migrou da euforia para o pessimismo.

– Era bom. Tudo eu comprava à vista. Tinha um súper aqui perto, era rancho com dois carrinhos até a boca. Vinha um funcionário ajudar e eu ainda dava gorjeta para o cara. Fazia churrasco todo o sábado – comenta Jairo. – Agora, tive de mudar a alimentação. A última vez que comi carne? Nem me lembro. Cerveja só de vez em quando, refrigerante quando dá. Vou de suco de saquinho. Hoje, quatro sacolinhas no súper dá cem pila, né? Está tudo muito caro.

A nova classe C viveu seu auge em 2014, com 116 milhões de brasileiros nos andares do meio da sociedade, dinâmica intimamente ligada à carteira de trabalho assinada – entre 2003 e

2014, a taxa de desemprego caiu de 12,3% para 4,7%, mesmo diante da desaceleração da economia que se transformaria em recessão.

Em 2015, contudo, a curva descendente da desigualdade envergou para cima. A renda média da população recuou 7% em apenas um ano, a crise lançou 2,8 milhões de pessoas na fila do desemprego e a inflação subiu 10,67%, corroendo o poder de compra de parte dos brasileiros. Para os inquilinos da nova classe C, restou empreender um duro ajuste fiscal doméstico que ainda está em andamento.

## REVISÃO OBRIGATÓRIA DE HÁBITOS

Reconhecido como o pesquisador que introduziu o termo no país, Marcelo Neri calcula que 9 milhões de pessoas foram incorporadas às classes D e E entre 2014 e 2018. Embora parte da população tenha descido degraus sociais, os patamares não retornaram aos do início dos anos 2000, quando 96,7 milhões de brasileiros estavam na base da pirâmide.

– Pensávamos que havíamos ido ao céu. Na realidade, estávamos no inferno e apenas chegamos à Terra – diz o diretor da FGV Social, departamento da Fundação Getúlio Vargas. – Mas não foi uma tragédia, como poderíamos imaginar, dada a gravidade da crise. Nem todos os ganhos foram

devolvidos, porque houve certa resiliência dessa classe.

Na vida de Jairo, o primeiro golpe veio em 2017, acompanhado da reforma trabalhista aprovada pelo governo Michel Temer. As mudanças na lei limitaram a jornada semanal em 48 horas, restringindo o porteiro a quatro dias de serviço em turnos de 12 horas. Antes contratado para escalas de domingo a sexta-feira, teve seu salário reduzido a quase metade.

Jairo revisou hábitos e eliminou despesas. Endividado, substituiu a carne vermelha por frango, diminuiu o uso do forno elétrico e da secadora de roupas e adiou o plano de usar um smartphone. Morando no mesmo apartamento, ainda tem pela frente 120 prestações de R\$ 237 mensais do financiamento habitacional, que agora tenta negociar com a Caixa para abater do saldo remanescente do FGTS. Também conta com o suporte de amigos – no mês passado, um deles lhe deu um botijão de gás.

– As pessoas da minha classe social estão ganhando menos. E, se quiserem trocar de emprego, não têm opção. Eu não sei o que vai acontecer daqui para a frente, nem sei se vou conseguir pagar o apartamento – afirma Jairo.

Responsável pela Critério Brasil, pesquisa que desde a década de 1960 classifica os estratos sociais do país, Luis Pilli mapeou o encolhimento das classes A e B, empurradas ladeira abaixo pela

crise. O levantamento realizado pela Associação Brasileira de Empresas de Pesquisa (Abep), considerando variáveis como acesso a bens duráveis e nível de escolaridade do chefe de família, aponta que 4,2 milhões de domicílios adentraram nas classes C, D e E até 2018.

– Desde então, a economia vai, mas não vai. Percebemos certa estabilidade na distribuição das classes econômicas após uma piora. O pior passou, mas ainda não melhorou. Hoje, a situação do país está melhor do que na década de 1990, mas pior do que nos anos 2000 – avalia Pilli.

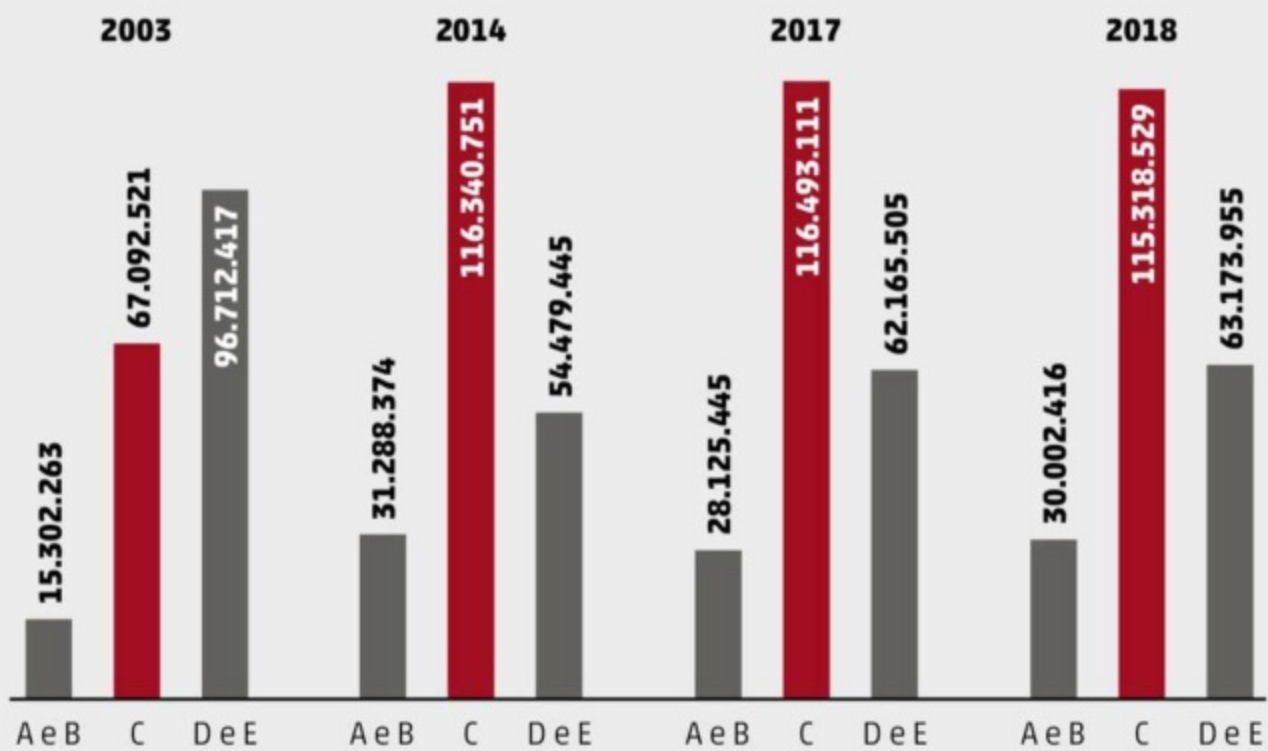
Em análises internas, o pesquisador do Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (Ipea) Rafael Osório identificou um deslocamento temporário na dinâmica de classes do país. De acordo com o sociólogo, parte da classe C tem oscilado para as camadas D e E em determinados trimestres, retornando em outros.

– Há pessoas na pobreza de forma crônica, mas a maioria a vive de forma temporária, transitando para dentro e para fora. Essa franja imediatamente acima dos pobres chamada de classe C volta e meia entra nessa. São pessoas com dificuldades para manter seu padrão de vida – diagnostica Osório.

– Parte do nosso mau humor coletivo está nessa perspectiva real de baixar o nível de vida. Para quem subiu à classe C, a perspectiva é de retorno à pobreza.

## SALTO E ESTAGNAÇÃO

A evolução das classes econômicas ao longo deste século 21 no Brasil

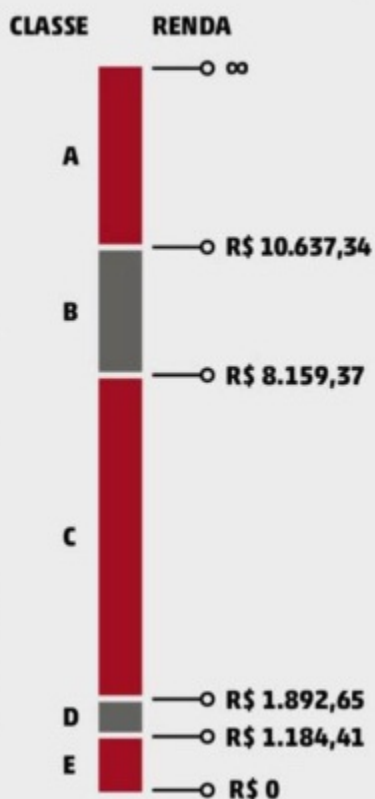


Fonte: FGV Social



## ONDE VOCÊ ESTÁ?

Se o total das rendas das pessoas do domicílio for menor ou igual a R\$ 1.184,41, essa família é da classe E.  
Se a soma ficar entre R\$ 1.184,41 e R\$ 1.892,65, é da classe D.  
Exceto a classe A, que para efeitos estatísticos não tem limite máximo de ganhos, a classe C é a que tem maior abrangência: engloba famílias com ganhos entre R\$ 1.892,65 e R\$ 8.159,37



Fonte: FGV Social

## DO RIO DE JANEIRO A OÁSIS DO SUL

De chapéu panamá na cabeça, a técnica em enfermagem Cândida Maria dos Anjos, 50 anos, celebrava a primeira viagem de avião em fevereiro de 2010. Acompanhada de uma turma de colegas de trabalho, embarcou para o Carnaval no Rio de Janeiro, onde bebericou pelos bares da Urca e sambou nas arquibancadas da Marquês de Sapucaí.

Depois da estreia, Cândida repetiu o passeio nos quatro anos seguintes. Havia dinheiro sobrando no final do mês, e ela tomara gosto pela ponte aérea que, inicialmente, dera frio na barriga.

– Tive muito medo. Cheguei ao avião tremendo, mas dei sorte de sentar ao lado de uma psicóloga. Ela foi conversando comigo e, quando vi, já estava lá – conta.

Uma década depois, os roteiros turísticos da técnica em enfermagem têm se limitado a excursões aos finais de semana. Sempre que pode, reúne amigas para passeios à Festa da Uva, em Caxias do Sul, ou ao Litoral. Já o Carnaval de 2020 restringido a um bate-volta a Oásis do Sul, praia vizinha de Tramandaí.

– Dei uma parada nas viagens porque estou fazendo outras coisas – afirma.

Entre os novos compromissos, está o financiamento da casa própria. Cândida morava na Vila Jardim, zona norte da Capital, com um irmão e dois filhos. Há quatro anos, em busca de privacidade, adquiriu um apartamento de um dormitório no bairro Mario Quintana, parcelando R\$ 150 mil em 30 anos.

Cândida também se casou e mudou de emprego. Hoje, trabalha das 18h à meia-noite no Banco de Olhos, deslocando-se de ônibus na ida e de Uber na volta. O salário, porém, segue no mesmo patamar, e o orçamento doméstico tem sido comprometido pelo companheiro. Servidor administrativo da Polícia Civil, Carlos Alberto Prates, 69 anos, recebe parcelado há 50 meses.

– Agora, está tudo muito complicado. Nosso salário continua o mesmo, mas as coisas só sobem. É um tal de apertada daqui, apertada dali – comenta.

Para o casal, o contingenciamento atingiu os momentos de lazer e adiou o sonho de reforma do apartamento. Todos os finais de semana, Cândida e Carlos Alberto tinham o costume de sair, incluindo idas ao 100% Beco, bar onde se conheceram, na Avenida Antônio de Carvalho. Hoje, limitam os passeios a uma vez por mês.

– Agora, para sair, temos de fazer conta – diz Cândida.

A técnica em enfermagem aguarda o resultado do pedido de aposentadoria, apresentado ao INSS “antes da reforma, né?”. Se a economia melhorar, sonha em passar massa corrida na parede texturizada da sala de casa, comprar um computador para aplicar os ensinamentos das aulas de informática cursadas e alçar novos voos domésticos. Dessa vez, pretende conhecer o Rio Grande do Norte.

– Eu quero passear. Agora, para Natal.





### CÂNDIDA, A TÉCNICA EM ENFERMAGEM

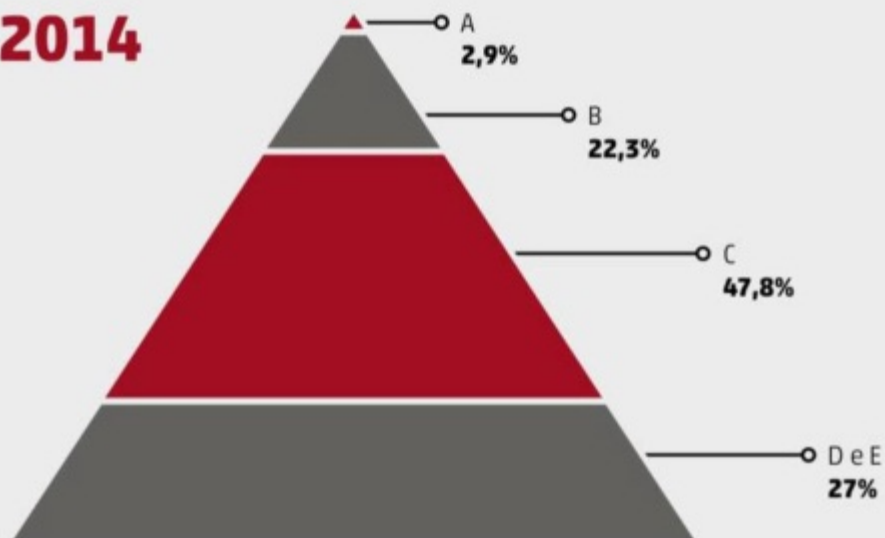
Em fevereiro de 2010, ela celebrou sua primeira viagem de avião, para acompanhar o Carnaval do Rio de Janeiro. Uma década depois, os passeios carnavalescos têm sido mais curtos: fez um bate-volta para Oásis do Sul, praia vizinha de Tramandaí. "Estou pagando o financiamento. Nosso salário continua o mesmo, mas as coisas só sobem", comenta



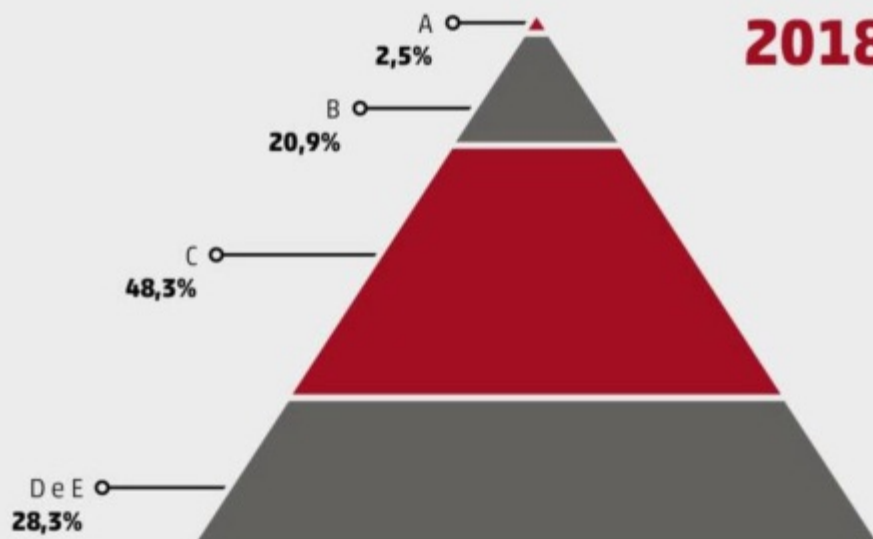
## PIRÂMIDE ESTABILIZADA

A classe C abriga quase a metade dos brasileiros desde meados da última década

**2014**



**2018**



Fonte: Associação Brasileira de Empresas de Pesquisa (Abep)

## DO PRIMEIRO CARRO ZERO A **DOIS NA GARAGEM**

Ex-segurança privado, Rafael da Rosa, 37 anos, foi aprovado em concurso público em 2009. Habitado a andar a pé, comprou o primeiro carro dois meses após assumir como agente de serviços da Companhia Riograndense de Saneamento (Corsan), um Celta zero de cor vermelha aguardado com ansiedade pela família.

Pagou sem sofrimento as 60 parcelas de R\$ 690, diluídas no salário que cai na conta todo dia 30. Mesmo contratado pelo regime celetista, sem estabilidade reconhecida, Rafael sentiu-se confiante para turbinar o padrão de vida do lar. Na década seguinte, o veículo popular seria apenas o primeiro de muitos investimentos.

Em meio à turbulência financeira, o servidor sentiu-se pouco impactado. A aprovação no concurso público lhe garantiu uma renda distante de riscos e incertezas típicas do setor privado. Por ser funcionário de uma empresa pública, independente do Tesouro do Estado, Rafael ainda se viu livre do parcelamento salarial.

– Mesmo celetista, tenho uma

situação mais estável do que no setor privado. Por isso, logo que entrei, pensei: “Vou atrás de um carro”. Passei a ganhar três vezes mais, fora todas as vantagens – comenta.

Na estatal, Rafael começou fazendo consertos de rua, em Gravataí, e passou, cedido, pela diretoria financeira da Associação dos Servidores da Corsan (Corsan). Há um ano, ascendeu na carreira, incorporando uma função gratificada (FG) ao assumir como coordenador da Unidade de Saneamento Especial (USE) das Hortênsias, em Gramado.

Mais resistente à crise, trocou de carro em 2015, substituindo o Celta usado por um Onyx novo. Dessa vez, as prestações chegam a quase R\$ 1 mil mensais. A esposa, Nagaraí, 35 anos, também entrou para a frota, comprando primeiro um Celta e, depois, um Siena, mais confortável para o transporte da família.

Com crédito farto por causa do funcionalismo, Rafael também abandonou a vida de inquilino no terreno dos sogros. Adquiriu uma ampla casa de 130 metros quadrados no centro de Viamão, financiando pouco mais da metade do imóvel.

Os três filhos (Arthur, 15 anos, Rafael, 11, e Manuela, sete) estão

matriculados no Colégio Stella Maris, tradicional instituição de ensino da Região Metropolitana. Todos recebem meia bolsa, aliviando o peso educacional das despesas domésticas.

– Como eu ia parcelar um carro em 60 vezes sabendo que poderia ser demitido a qualquer momento? Aí, entrei para a Corsan e minha vida mudou. Agora, tenho a garantia que vou conseguir pagar, porque, lá no dia 30, o dinheiro vai estar na minha conta. Tomei coragem para dar uns “peitinhos” – diz.

Desde que assumiu em Gramado, há um ano, Rafael dorme nos dias de semana em um quarto de hotel, pagando R\$ 70 a diária. Enquanto vive no improviso, faz planos. Gostaria de comprar uma casa na Serra para se mudar com toda a família, mas eles ainda resistem. O impedimento, porém, não está no bolso – Nagaraí e as crianças estão resabiados com o frio intenso da região.





2020

### RAFAEL, O FUNCIONÁRIO PÚBLICO

Aprovado em concurso público em 2009, ele comprou seu primeiro carro dois meses após ingressar na Corsan. Hoje, tem uma casa de 130 metros quadrados em Viamão e um segundo automóvel. Os três filhos estudam em uma escola particular, onde todos recebem meia bolsa. "Mesmo celetista, tenho uma situação mais estável do que no setor privado", reflete



2010

GENARO JONER, BD, 29/01/2010



## DIFERENÇAS

---

A renda média domiciliar em cada classe

A

**R\$ 25.554,33**

B1

**R\$ 11.279,14**

B2

**R\$ 5.641,64**

C1

**R\$ 3.085,48**

C2

**R\$ 1.748,59**

D e E

**R\$ 719,81**

Fonte: Associação Brasileira de Empresas de Pesquisa (Abep)

## DO DIPLOMA AO **SALÁRIO A CONTA-GOTAS**

Filha de faxineira, Marilene Cardoso da Silva, 46 anos, deixou o auditório do prédio 41 da PUCRS, na tarde de 22 de janeiro de 2010, com o título de pedagoga. Foi a primeira e única dos 12 irmãos a se formar na faculdade, confiante de que o diploma seria seu passaporte para mudar de vida.

– Era um sentimento de muita conquista, de uma vitória que parecia tão distante. Minha mãe tinha 12 bocas para sustentar e, muitas vezes, nos dava comida só à noite. Eu limpava salas de aula e pensava: “Um dia, vou estar do lado de lá” – relembra.

Marilene nutria o sonho do ensino superior durante o trabalho. Das 6h às 14h, era faxineira da universidade onde se formou. Funcionária da PUCRS, concluiu o ensino médio em uma escola pública – havia estudado apenas até o 6º ano – e prestou vestibular de olho no desconto de 80% na mensalidade oferecido aos

empregados. Do salário de R\$ 437 à época, mais de R\$ 200 iam para o pagamento do curso. Para dar conta das tarefas, a pedagoga dormia só uma hora nos finais de semestre.

Depois de formada, emendou uma pós-graduação em orientação, supervisão e gestão escolar, também na PUCRS, e conseguiu o primeiro emprego como professora na rede Cesi, em Viamão.

– Um dia, eu sabia que tudo ia valer a pena. Passei muita dificuldade e sacrifício, não queria que meus filhos passassem pelo mesmo. Até hoje, minha casa é simples. Mas nunca falta comida – diz.

Em 2013, fez concurso para o magistério estadual e, dos 83 mil candidatos, foi uma das 10,6 mil aprovadas. Nomeada em abril de 2014, assumiu uma turma de 3º ano na escola Poncho Verde e a supervisão de alunos do de Educação de Jovens e Adultos (EJA).

A lua de mel com o funcionalismo

durou pouco. José Ivo Sartori deu início à política de parcelamento dos salários, mantida pelo sucessor, Eduardo Leite. O dinheiro a contagotas desestabilizou o orçamento doméstico, comprometido, em parte, pelo pagamento do apartamento onde mora, subsidiado pelo Minha Casa Minha Vida, em um conjunto habitacional na conhecida “Ferradura” do bairro Rubem Berta.

Há três anos, Marilene foi aprovada em outro concurso, da prefeitura de Alvorada. O depósito em dia pelo município tem dado fôlego para pagar as contas, mas tomado os três turnos. Trabalha das 7h45min às 22h30min, em três instituições, preparando aulas aos finais de semana.

Em 2019, o desemprego avançou sobre a família. O marido, Miguel Almeida, 56, foi demitido de uma empresa de vigilantes, e R\$ 3 mil sumiram do orçamento mensal. Restou escolher quais contas pagar.

– Tivemos de controlar na alimentação, comprar o que era realmente essencial. Pedíamos pizza, já não pedimos mais. Saíamos todo o final de semana... Não. Hoje, uma vez por mês, e olhe lá. A conta de luz, pagamos uma, mas sempre tem outra na gaveta para o mês seguinte. O cartão, sempre o mínimo – conta.

Miguel conseguiu um emprego no último 23 de janeiro. Receberá metade do salário anterior, mesmo assim, um alívio para o sufoco dos últimos 10 meses. O parcelamento do subsídio de Marilene, porém, segue sem prenúncio de acabar, ressentindo-se a pedagoga:

– Tinha uma perspectiva muito alta de que a coisa ia andar. Quando a gente faz uma faculdade e escolhe uma profissão, acredita que, através dela, vai conseguir se manter, dar uma condição de vida melhor para os filhos, ser valorizado. Mas, poxa, chegamos numa situação que nunca imaginei.

GENARO JONER, BLO. 22/03/2010



### MARILENE, A PEDAGOGA

Em janeiro de 2010, ela se tornou a primeira e única de 12 irmãos a se formar na faculdade.

Hoje, trabalha em três turnos na rede de ensino de Alvorada. "Passei muita dificuldade e sacrifício, não queria que meus filhos passassem pelo mesmo. Até hoje, minha casa é simples. Mas nunca falta comida", afirma





## NÚMERO DE DOMICÍLIOS POR CLASSE\*

Quantidade de famílias das classes C, D e E cresceu durante a última década, enquanto a classe B permaneceu estável e a A diminuiu



\*em milhões

Fonte: Associação Brasileira de Empresas de Pesquisa (Abep)